

## Editorial: Amazônia e Gestão

*Peguei um Ita no norte  
 Pra vim pro Rio morar  
 Adeus, meu pai, minha mãe  
 Adeus, Belém do Pará  
 Dorival Caymmi*

Caminhamos para o final de janeiro do ano da graça de 2022 e é com imensa alegria que a Revista Nau Social inaugura esse novo ano a partir da publicação deste novo número especial gestado e emulado a partir de olhares advindos de pesquisadores localizados na Amazônia. Estamos a falar dos estudos e reflexões substantivas de indivíduos e coletivos que no Norte e a partir do Norte refletem sobre a realidade desta ampla territorialidade profundamente negligenciada e desconhecida de parte significativa do nosso país.

A Amazônia que reside no imaginário coletivo nacional está intimamente ligada aos brados de uma floresta que resiste e insiste em existir mesmo com todas as investidas dos poderes econômicos legais e ilegais. Se por um lado imaginamos a floresta e os povos que a habitam, a exemplo de comunidades indígenas, seringueiros, barqueiros e ribeirinhos, por outro, as notícias de jornal nos dão conta de uma série de conflitos e conflitualidades que ameaçam dia após dia a existência desses povos e comunidades tradicionais. Nesse contexto, pensar e refletir a Amazônia a partir das lentes de aumento da gestão social, por certo, é um convite para mergulharmos e “surfarmos na pororoca”[1] que emerge nesses encontros e desencontros que o território permite observar.

Nessa terceira margem do rio que é a Revista NAU Social esta edição especial sob a editoria elegante e cuidadosa dos professores Raoni, Mário, Yana, Airton e Miguel, nos apresentam um Norte que o Brasil carece conhecer em profundidade. Os artigos presentes nesta curadoria são capazes de nos desnudar uma Amazônia complexa e profundamente inserida nas grandes questões nacionais e internacionais, tanto no seu contexto sócio econômico, como nos seus cenários urbanos e rurais. Os textos selecionados foram organizados a partir de fios condutores capazes de nos guiar nessa descoberta, tal e como o poema Descobrimto do modernista Mário de Andrade que descreve a sua constatação de que nesse país continental somos todos brasileiros, inclusive na nossa capacidade de sermos solidários no tamanho e na dimensão das nossas dores.

*Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus!  
 muito longe de mim  
 Na escuridão ativa da noite que caiu  
 Um homem pálido magro de cabelo escorrendo nos olhos,  
 Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,  
 Faz pouco se deitou, está dormindo.*

*Esse homem é brasileiro que nem eu.*

*Mario de Andrade*

Mas voltando ao professor Raoni, esses dois editores não poderiam deixar de mencionar a maravilha que é trabalhar com Raoni, ainda que de modo virtual e de conversas pontuais via e-mail ou whatsapp. Sua paciência para conosco, sobretudo, nesse que é o nosso primeiro número especial à frente da Nau Social. Raoni é um lindo e aqui, tomamos emprestado um termo da língua dos índios Kaxinawá para expressar a nossa gratidão por esse encontro. Raoni, o senhor e Txai[2]!!! Muito obrigado, Raoni e muito obrigado Milton Nascimento que na sua linda obra, a partir das Minas Gerais, ensinou e traduziu para o Brasil e para o Mundo o sentido de Txai que “é fortaleza que não cai, mesmo se um dia a gente sai, fica no peito essa dor.”

E por falar em dor, das tantas dores que passa o Brasil, não poderíamos deixar de mencionar a partida do poeta Thiago de Mello. Thiago foi aquela árvore frondosa do Amazonas que tombou porque chegou a hora, senhor da sua vida e, também, senhor da sua morte. Assim como Elza Soares que também escolheu sua hora de partir e deixou este país um pouco mais órfão.

A Revista Nau Social toma como pote desse número e de todos outros que virão o verso de Thiago que nos ensina:

*Madrugada Camponesa.*

*Faz escuro (já nem tanto),*

*vale a pena trabalhar.*

*Faz escuro, mas eu canto,*

*porque a manhã vai chegar.*

André Luis Nascimento dos Santos e Maria Amélia Corá

---

[1] A expressão Surfar na pororoca a parafraseamos do título de uma das últimas obras escritas pelo falecido jurista argentino radicado no Brasil Luís Alberto Warat. Quando o velho Warat escreveu “Surfando na Pororoca: o ofício do mediador” a Pororoca do Rio Araguari com o Oceano Atlântico ainda era um fenômeno natural de grande intensidade que nos dias de hoje perdeu força pela ação antrópica, seja por conta da produção pecuária em ritmo acelerado de agronegócio, seja pelas hidrelétricas no contexto dos grandes projetos de desenvolvimento nacional e regional.

[2] Txai em tradução literal da língua Kaxinawá significa “mais que amigo/mais que irmão, a metade de mim que existe em você/ e a metade de você que habita em mim.”